

"Encontros entre o Oriente e o Ocidente"

JORGE A. LIVRAGA

Quando falamos do encontro entre o Oriente e o Ocidente, devemos considerar que este encontro remonta aos períodos mais antigos da Humanidade. Não poderíamos fixar a data nem sequer aproximada do período em que começou esse contato. Teorias dignas de crédito sustentam que o que chamamos Ocidente, a Europa atual, foi penetrada por invasões seculares chamadas indo-européias e que estas invasões vieram desde a velha Índia, Japão ou China. Também existem teorias sobre a população do Continente Americano que sugerem contatos entre o Oriente e as culturas pré-incaicas no Peru ou com antigas culturas do México e da América Central. Além disso, a teoria do caminho pelo Estreito de Bering e outras mais antigas e esotéricas falam-nos de um continente submerso no Oceano Pacífico e de restos desse continente - as ilhas da Polinésia, Melanésia e Micronésia - que deixaram grupos asiáticos até a América.

Seja como for, o que hoje entendemos como mundo ocidental está fortemente impregnado desde os tempos mais remotos por correntes do tipo oriental. No seio das mais antigas culturas, podemos encontrar o nexo oriental na Arte e na Filosofia. Nas Ilhas Cíclades e em Creta, por exemplo, a influência oriental está muito marcada. Na Grécia, os mistérios dionisíacos caracterizavam -se por um forte estilo oriental. Recordemos também que uma das formas de Dionísio, Baco, aparece em um carro puxado por tigres de Bengala, o que revela sua origem hindu.

Também no Egito e na Ásia Menor, a influência oriental é enorme. Não podemos negar as origens orientais presentes nas crenças comuns e na religião expandida no Ocidente como Cristianismo. Além disso, no Antigo Testamento hebreu ou no Novo Testamento, encontramos o Apocalipse de São João como sendo uma das formas ou estudos do Livro dos Números, das transmutações, e percebemos que o pensamento e a arte do Oriente estão presentes.

Os símbolos da religião egípcia passaram em grande parte à área ocidental. Sabemos que, na época romana, existiam os mistérios de Ísis e Osíris, com seus respectivos templos, e o deus Hermanubis era uma combinação de Hermes e Anúbis. Sabemos que elementos mesopotâmicos, como o Mito de Gilgamesh e Enkiddú, passaram, na Europa, a compor o velho mito de Herakles, o herói solar imortal que luta contra todos os elementos do Cosmos convertido em uma forma de super-homem capaz de redimir a humanidade sufocada por múltiplos males.

Na Filosofia propriamente dita, a influência do Oriente sobre o Ocidente na época antiga é também notável. Nos Pré-Socráticos, nós a encontramos plenamente, por exemplo, no grupo de filósofos chamados "Anax", que contribuiram com elementos orientais para explicar a concepção do mundo a partir do elemento fogo. Na Índia, as mais antigas tradições outorgam uma origem ígnea ao Universo. Nos chamados Quatro Vedas, que em sua origem eram somente três, o Agni-Veda, o primeiro Veda ou Rig-Veda, está dedicado ao Deus Agni, o Deus do fogo. Na Grécia, encontramos também a teoria do Grande Vazio Primordial que será preenchido por todo o Universo. Os orientais concebiam que a origem de todos os Universos devia-se a um espaço vazio na matéria Primordial (em sânscrito "Ponto Laya"), de onde serão formados os Mundos e os Universos.

Sêneca, quando refere-se à vida de Nero em Neápolis, conta que recebia as visitas de uns filósofos do Extremo Oriente, chamados gimnósofos. É óbvio que esses gimnósofos eram os primeiros budistas que conseguiram chegar à Europa. Sêneca queixava-se dessa influência oriental que, segundo ele, afeminava os homens.

O Oriente é muito antigo, e todos os povos antigos passaram por etapas de abrandamento. O excesso de filosofia, de espiritualidade e de misticismo pode nos desprender da realidade circundante e nos tirar a capacidade de trabalho e de agressividade que necessitamos para sobreviver em um mundo que jamais foi bom ou justo.

Esse processo alcançou também a Índia primitiva, onde não existiam as quatro castas que hoje conhecemos, mas apenas três. O poder era exercido pelos chamados Chatryas, monges guerreiros governantes. O livro Mahabharata, com sua parte fundamental, o Bhagavad-Gita e Uttara-Gita, refere-se a eles, e o seu grande herói é um guerreiro. Dessa época primitiva de guerreiros vai resultar uma estampa muito mais suave, filosófica, contemplativa, que denota um certo cansaço diante do esforço constante da vida. E isso alcança também o Ocidente da época clássica relacionado com a Índia.

Hoje temos a certeza de que o Oriente e o Império Romano comunicavam-se através dos viajantes pela Rota da Seda, que ligava a China à Europa, e que é muito mais antiga do que se acreditava até pouco tempo atrás. Foram encontradas moedas da época de Nero e de Trajano em escavações no sul da Índia, Dravidia. E também constatamos que certos tecidos e sedas chegaram à Europa pela Rota da Seda.

Existia um tipo de pólvora ou explosivo, usado pelos chineses há milênios para fazer foguetes em suas festividades religiosas, que foi levado a Roma na época de Augusto como um favor. Tal explosivo foi rechaçado pelos romanos, porque poderia ser utilizado como arma de guerra e tornar-se incontrolável. Essas influências no Império Romano acentuam-se ainda mais com a sua queda. Na época de Constantino e Juliano, aparecem correntes dentro do Império, como os neo-platônicos em Alexandria ou em Pérgamo, que citam fontes orientais: o Universo como um Macróbio ou ser vivo gigantesco, a teoria do vazio ou a teoria dos alentos do nariz de Brahma, o Grande Deus Universal que expira pelos orifícios nasais ar quente e frio e, com isso, forma todas as coisas.

Encontramos na toponímia européia, rios e lugares que têm nomes em sânscrito, alguns, inclusive, diretamente hindus. Chama-se Deva, por exemplo, o rio que nasce na famosa caverna de Covadonga (considerada sagrada desde a época druídica) que descreve uma queda de cerca de 30 metros e cai dentro de um lago. Deva em sânscrito significa luminoso, da raiz dev. Chamam-se Devas aos que no Ocidente se chamariam Anjos.

Com a queda do Império Romano, o advento da Idade Média e a divisão entre o Império do Leste e do Oeste, interrompem-se esses contatos diretos com o Extremo Oriente. A psicologia da Idade Média européia atrasa a influência oriental.

No Oriente, por sua vez, também ocorrem fenômenos extraordinários. Pode-se citar, como exemplo, a queda dos imperadores budistas, que começou com Asoka na Índia. Acontece a invasão muçulmana e algum tempo depois a infiltração nórdica na China, que será governada por uma dinastia de tipo Manchu. Portanto, a Idade Média

ocidental não coincide com a Idade Média oriental, mas sim com uma grande comoção cultural, um grande movimento invasor que rompe as conexões pacíficas entre Oriente e Ocidente.

A partir do Renascimento, começam a se restabelecer os contatos com o Oriente. O Egito permanece tão ignorado que volta a ser chamado pelo nome grego, que significa "a terra desconhecida, do mistério, do segredo". Na época das Cruzadas, todos os ocidentais que vêm as pirâmides crêem que são celeiros da época de Abraão. O Renascimento tem uma forte marca greco-romana e uma forte mensagem de tipo cristão e rechaça tudo o que lhe é alheio. Quando chega à Índia, não aceita os elementos da cultura hindu e vai impor os seus, que logo se refletirão em uma série de modelos, como a arte gândara na Índia. Da recente época budista, esta arte apresenta técnicas e formas ocidentais para representar Buda, as Apsaras e toda uma série de Divindades.

Mas o Renascimento passa e outra vez adverte-se a necessidade de busca no Oriente de algo novo, algo que necessitamos e parece estabelecer uma balança isostática entre Oriente e Ocidente. O Oriente sempre necessita da técnica e da força viril ocidental e o Ocidente necessita da parte místico-religiosa do Oriente. O Ocidente tem uma tendência a perder elementos místicos, inclusive sua própria iconografia. Então, deve recorrer ao Oriente para poder renovar-se. Se perguntasse a vocês o que é Yoga ou o que é Kundalini, muita gente saberia me responder, mas se perguntasse o que é a "cruz de fogo" dos Celtas, talvez muitos não saberiam dizer, nem me falariam do deus-morcego dos mochicas, apesar de estarmos no Peru¹.

Paradoxalmente, há mais influência no espiritual, no psicológico e no religioso da cultura oriental que daquela outra que nos é própria, seja por nascimento ou educação. À medida que o Ocidente vai perdendo essa potência que demonstrou no Renascimento, surge uma nova onda de penetração psicológico-espiritual por parte do Oriente. Esta nova onda já havia começado com as viagens de Marco Polo ou durante as Cruzadas. Um detalhe talvez ignorado é que a maior parte das obras de Aristóteles e Platão são traduções das línguas moçárabes. Estes recolheram os antigos livros e guardaram alguns originais gregos e latinos. Na época das Cruzadas, reaparecem no Ocidente livros e elementos culturais perdidos desde a época dos druidas.

Nos últimos séculos, filósofos e artistas foram influenciados pelo Oriente, como Schopenhauer que, após ler os Upanishads resgata uma série de elementos orientais. Em geral, todo o idealismo alemão estará impregnado pelo oriental. Símbolos como a suástica, por exemplo, presente em todas as culturas do mundo, está representado em vasos e objetos de arte desde as culturas mais antigas até as mais recentes e é um símbolo fundamentalmente hindu, tanto a que gira para a esquerda como a que gira para a direita. O próprio nome suástica é um termo em sânscrito e significa cruz.

Obviamente, nosso mundo materialista, consumista e demasiado veloz corrompe, muitas vezes, os elementos orientais. Não são os mesmos um sacerdote do século passado que vinha caminhando ou a cavalo pregar sua doutrina e um guru dos dias de hoje que pega um avião em Benarés e desce em Nova York. Esse homem, que na Índia dava conferências junto ao Ganges de maneira gratuita, cobrará agora para obter uma entrada em São Francisco, Los Angeles, Filadélfia, seguindo um modelo claramente ocidental e, neste caso, negativo.

Há um século, o Oriente exporta algo que vem faltando ao Ocidente. Não é novidade para nenhum de nós que o Ocidente está em crise, em atitude de busca.

Chegamos à alienação de fazer uma apologia da nossa própria desordem, pretendendo com isso mostrar que estamos sempre em um processo de busca, de mudança, de desenvolvimento. Isso só demonstra que não temos nada de preciso em nossas mãos. Assim como não trocamos de carro sem motivo aparente, não necessitariamos estar sempre em processo de mudança se tivéssemos realmente algo útil e proveitoso nas mãos.

O Ocidente, no momento atual, embasa todo o seu desenvolvimento no aspecto material e econômico e carece de fundamentos básicos espirituais. Há idealistas, como em toda parte, sociedades espiritualistas e grupos minoritários, mas, em geral, as pessoas carecem de fé, finalidade, de sentido da justiça. Na Índia, ao contrário do que ocorre nas grandes cidades, que são iguais em todo o mundo, a situação é muito diferente: as pessoas têm fé e sabem ou acreditam saber de onde vêm e para onde irão. Em geral, são muito pobres materialmente. Os mendigos formam multidões diante dos templos. No entanto, têm uma grande segurança interior e agem sem temer a morte, pois crêem que, de certo modo, a morte não existe. Segundo sua teoria do Karma, todas as coisas têm uma causa e um efeito, e todos somos o resultado de nossas encarnações anteriores.

Durante a juventude, a influência dos aspectos orientais é grande e forte, mas devemos ter a sabedoria de selecionar os elementos que vão chegando para adaptá-los à nossa própria necessidade. Não podemos dar-nos ao luxo de assumir uma atitude contemplativa e ficarmos sentados eternamente em meditação. Embora haja elementos úteis dentro de todas essas correntes filosóficas e religiosas orientais, temos que fazer uma seleção natural que nos permita conservar as estruturas positivas do nosso mundo ocidental. A mensagem e a religiosidade do Oriente não são diferentes, em essência, de tudo o que foi e é religiosidade no Ocidente. O que difere são as características externas. Em Nova Acrópole, há uma cátedra chamada Fenomenologia Teológica ou Religiões Comparadas, na qual são estudadas as distintas religiões que existiram na história da humanidade. Através desse estudo sério, baseado não no sistema de fé, mas de investigação, podemos constatar que todas as religiões são idênticas no fundo. As religiões são adaptações históricas, geográficas e ainda geopolíticas de um mesmo tipo de conhecimento, de sentimento e de necessidade mística do homem. As diferenças estão na parte superficial e externa. Muitas vezes, vemos um oriental em padmasana² e pensamos: "Que mantras estará pronunciando? Que fórmulas mágicas serão essas?". Se conhecêssemos um pouco o Hindi, língua nacional e literária da Índia, derivada do sânscrito, saberíamos que as palavras que está pronunciando não tem porque serem basicamente diferentes do Pai-Nosso. Seus conceitos, entretanto, estão mais desenvolvidos, pois há milhares de anos trabalham com formas religiosas muito elaboradas que, em sua essência, não são diferentes dos conceitos das demais religiões. Há algumas religiões mais agressivas, mas, quando estudadas a fundo e quando interpretados os seus textos, vê-se o autêntico significado da Cidade Celeste que promete Mahoma, e vemos que não há grande diferença entre o Devakan oriental, Krishna do Baghavad Gita ou o Cristo dos Evangelhos. Os ensinamentos são praticamente os mesmos. Mais além de toda relação formal, seria conveniente um estudo profundo de todas essas crenças para uma real interpretação e aproveitamento de sua mensagem, pois há algo que não podemos negar: no Ocidente, precisamos dessa influência oriental, espiritual, sobretudo os mais jovens. Faz falta algo que preencha o aspecto místico, algo complexo e profundo com o qual o Oriente pode contribuir. Na Índia, por exemplo, há elaborações intelectuais muito complexas para explicar a constituição interna do homem, assim como de onde viemos, para onde vamos e como é

nossa vida no invisível. Curiosamente, nos últimos tempos, as religiões ocidentais já quase não falam da vida após a morte. Geralmente, os sermões falam de problemas sociais e econômicos. No entanto, precisamos saber o que acontecerá conosco depois da morte. O Oriente preenche essa necessidade mística. Abarca também a Parapsicologia. Para os ocidentais, este é um ramo do saber muito novo, recente, baseado nos casos excepcionais. Em contrapartida, para o Oriente, essa Parapsicologia está dentro da harmonia universal, como algo que todos os homens têm em potência e não como algo próprio de um ser doente e louco. No Oriente, os livros anunciam, há milhares de anos, nossas recentes descobertas sobre as faixas magnéticas ao redor da Terra, visíveis desde as estações orbitais. Explicam os cinturões que rodeiam o Equador e os Chakras terrestres, ponto de confluência de energia. O conceito do átomo provavelmente chegou à Grécia através da Índia. As escolas de tipo materialista - escolas explicativas da constituição da matéria - existiam há milhares de anos.

Podemos seguir bebendo a sabedoria do Oriente. O fundamental é selecionar os elementos para que não nos convertamos em seres "contemplativos" no pior sentido, mas que possamos "contemplar" em seu verdadeiro sentido: entrar no templo do Universo, buscar a causa das coisas, mergulhar em nosso interior para ver de onde viemos e para onde vamos. Procurar ser a cada momento melhor. Vale mais um só ato de generosidade diária que conhecer os Vedas de memória.